

# AS VOZES E AS TRADIÇÕES NA CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, BRASIL: FOLCLORE, CULTURA E IDENTIDADE (1)

Elis Regina Barbosa Angelo

Doutora em História

[elis@familiaangelo.com](mailto:elis@familiaangelo.com)



## As Vozes e as Tradições na Casa dos Açores de São Paulo, Brasil: Folclore, Cultura e Identidade (2)

Elis Regina Barbosa Angelo

### Historial do artigo:

Recebido a 22 de abril de 2018

Revisto a 12 de maio de 2018

Aceite a 20 de maio de 2018

### RESUMO

Ao dialogar com o conhecimento produzido na história sobre a categoria do patrimônio cultural, este trabalho se dedica a analisar a criação do grupo folclórico da Casa dos Açores de São Paulo, dando ênfase à preservação e à conservação desse tipo de representação cultural dos imigrantes açorianos no Brasil, moradores da Vila Carrão, Zona Leste da cidade de São Paulo. A proposta versa sobre como buscam garantir o elo com o passado, por meio das atividades do grupo folclórico, ao manterem as identidades e (re)invenções dos valores, normas e costumes do passado na implementação das atividades do grupo, suas danças, músicas, vestuário e ornamentação. A reflexão versa também sobre o fenômeno de patrimonialização dessa atividade enquanto um elemento constituinte tanto do imaginário do grupo para si quanto para a sociedade. A análise perpassa a formação do grupo, por meio da História Oral, utilizando-se de seus depoimentos e experiências que representa a institucionalização das identidades dos açorianos e seus descendentes.

**Palavras Chave:** Identidades culturais, patrimônio cultural, grupo folclórico, Casa dos Açores de São Paulo.

### ABSTRACT

According to the knowledge produced in history about the category of cultural heritage, this work analyzes the creation of the folkloric group of the House of the Azores of São Paulo, emphasizing the preservation and conservation of this type of cultural representation of the Azorean immigrants in Brazil, residents of Vila Carrão, East Zone of the city of São Paulo. The purpose of this proposal is how they seek to ensure the link with the past through the activities of the folk group by maintaining identities and (re) inventions of values, norms and customs of the past in the implementation of group activities, their dances, songs, clothing and ornamentation. The reflection is also about the phenomenon of patrimonialization of this activity as a constituent element of the imaginary of the group for itself as for the society. The analysis prepossess the group formation, through Oral History, using their testimonies and experiences that represents the institutionalization of the identities of the Azoreans and their descendants.

**Key-words:** Cultural identities, cultural heritage, folkloric group, House of the Azores of São Paulo.



## 1. Introdução

A idéia de “cultura popular” vem sendo tratada por intelectuais no mundo desde meados do século XVIII. Os países da Europa relacionam essa esfera com significativas transformações em todos os níveis da vida social, em especial, as relações entre o erudito e o popular, correlacionando dimensões e níveis distintos. Assim, a divisão entre esses conceitos foi repercutindo em níveis distintos da realidade social, a exemplo das dicotomias rural e urbano, oral e escrito, tradicional e moderno. Entre outras dimensões da vida cotidiana que ora se modificava em larga escala. Diante das confrontações defendidas pelo Iluminismo e, atreladas à configuração e transformação da sociedade, os valores, regas, normas e costumes do universo popular foram e ainda são paulatinamente desconstruídos frente a ameaça constante do processo global. Com a relevante preocupação dos intelectuais acerca da ameaça do desaparecimento dessa esfera popular e suas manifestações e expressões, a preocupação em defesa da produção material e imaterial das classes subalternas, e como uma forma de resistência cultural, vão sendo visibilizados os processos preservação e conservação do “popular”, referenciado novas formas de ver a cultura.

Na esfera dessas preocupações, na qual a cultura popular e o folclore estão em foco, esse trabalho, busca, apresentar a formação do grupo folclórico da Casa dos Açores de São Paulo, tentando apreender quais os sentidos de se manter viva a memória do passado popular musical, contida nas Ilhas e que, de forma atemporal consegue fortalecer os laços com o universo do folclore e da cultura popular enquanto uma representação das identidades do povo açoriano imigrante (3). Nesse sentido serão apresentadas as formas de manutenção da musicalidade, das expressões corporais, das letras de músicas, da relação com a cultura material reveladas nas formas de reivindicação do passado pelos trajes, conceitos e cores, tentando apreender os sentidos no tempo presente e suas relações com a cidade, o bairro e a manutenção das “tradições” inventadas e reinterpretadas na forma e na simbologia.

Assim, traz elementos de criação da Casa e das representações como o grupo folclórico, abordando o caminho traçado desde a criação e as reinvenções contidas no processo, além de compreender o sentido da construção desse patrimônio cultural açoriano. Como metodologia, privilegia-se a História Oral, construindo um arcabouço de vozes que trazem para a compreensão dos signos do grupo o caráter materializado nos processos de criação e manutenção das atividades lúdico-recreativas. Por meio de depoimentos orais se conduz o fio que entrelaça as histórias e vivências, corroborando com a formação do grupo e a manutenção das atividades ao longo de cerca de sessenta e oito anos, dada a chegada do grupo na zona leste da cidade nos anos de 1950.

As atividades inventadas ou reinventadas ao longo dos anos demonstram a ação da Casa dos Açores de São Paulo, entidade promotora da integração do grupo que, ao tentar proporcionar atividades de cunho celebrativo, faz com que a memória, a busca pela sua manutenção e a identificação com o elo étnico e o orgulho de ser correspondente para a sociedade contemporânea, especialmente num mundo global onde a adversidade passa a ser algo criado com a finalidade de perpetuar registros de outros lugares e tempos, é facultada a manter-se com princípios identitários.

A continuidade do grupo nas ações de manutenção das identidades tem expressado o sentimento e as experiências ao longo dos anos e fortalecido dinâmicas como a criação e continuidade das músicas e das danças por meio do folclore. Nesse sentido almeja-se também compreender esse patrimônio cultural açoriano e sua (re)invenção na relação de formação da rua/bairro/cidade/país, como forma de fortalecer os laços com a terra natal e recriar as identidades no lugar de escolha desse grupo imigrante.

Na construção conceitual do patrimônio imaterial, interrelacionadas às discussões do conceito de cultura, busca-se as interações entre o que é inventado, criado e manipulado, como sistema



simbólico, das ações da sociedade como um todo. Nas sociedades contemporâneas, massificadas pela mercantilização de objetos, instrumentos, espaços e sujeitos, o papel da indústria cultural, relativiza o que deve ser preservado e porquê. Assim, as discussões sobre a espetacularização dos patrimônios e a concepção de grupos enquanto patrimônio cultural e suas expressões, como é o caso do grupo folclórico da Casa dos Açores, será apresentada nessa investigação a fim de se (re)pensar sobre o “como fazer” dessa manifestação da cultura popular açoriana, tanto para defender sua representação simbólico-cultural quanto para expressar os sentidos dados pela própria comunidade.

## 2. A Fundação da Casa dos Açores e sua proposta de manutenção cultural

“ Em Novembro de 1981, compra-se uma velha casa à Rua Dentista Barreto nº 1282, para onde se transfere a sede, precisava-se construir, mas não havia dinheiro, havia sim, muito boa vontade e principalmente muita fé no Divino Espírito Santo, que como milagre o dinheiro vai aparecendo, muitos açorianos estão contribuindo monetariamente, outros com o seu trabalho, como é maravilhoso, gente rica, gente pobre de mãos calejadas todos irmanados carregando pedras, cimento, cal, areia, ferro, fazendo massa, etc. O milagre está acontecendo, a velha casa está dando lugar a um belo edifício, assim em 21 de abril de 1982 inaugura-se a primeira parte de nossa sede, mas não se pára aí, ainda há muito a fazer e não se desanima 1986 a casa está acabada, com os dois salões de festas, cozinha, forno elétrico, adega, bar, sala de reuniões, secretaria, biblioteca e a tão sonhada Capela para o hóspede de honra “Divino Espírito Santo” (CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO, 1987: 1).

A Casa dos Açores foi fundada em 21 de abril de 1982 na cidade de São Paulo, região leste, vila Carrão. Ao ser idealizada, por açorianos e descendentes que vieram a habitar a região, e, da cooperação de membros dessa comunidade de imigrantes que vieram ao Brasil na década de 1950, foram aos poucos relacionando atividades coletivas e de entretenimento aos participantes e associados. Nessa relação que ora se concentram a cooperação e a mutualidade, nasce anseios de compartilhar o sonho e agrupar os açorianos que vieram para o Brasil em busca de novas oportunidades, haja vista a concentração na vila de operários dos cotonifícios e demais trabalhos que formaram um vínculo com as ilhas.

A casa concentra ações que extrapolam os enlaces que acabaram se concretizando na sua fundação. Em meio a dificuldades, falta de apoio institucional, de espaço e aplicação financeira, concebeu num pequeno espaço, capaz de abraçar um pouco da cultura açoriana e trazer identificação com membros partícipes da continuidade das ações, motivações e manutenção das atividades que unem o grupo. Assim, a Casa tinha, em primeiro plano, o intuito de trazer as tradições açorianas para a Vila Carrão, além de propiciar aos imigrantes uma forma de reencontrar amigos e parentes e, de certa forma, manter um elo com o passado, seja por meio das festas religiosas, seja por meio da sociabilidade e demais atividades criadas no seu calendário anual de eventos. (ANGELO, 2015).

Da sua criação, segundo o Sr. Manuel de Medeiros, um dos fundadores da casa, houve alguns momentos de tentativa anterior para a formação do espaço. Em 24 de julho de 1979 os açorianos da Vila Carrão já se reuniam para debater a possibilidade de fundar uma associação açoriana, que foi sendo costurada durante muitos anos. A esse respeito considera o Sr. Manuel:

Os membros do grupo, que trabalhavam no Cotonifício Guilherme George (4) se encontravam para contar histórias e rememorar sua terra natal, além das derradeiras atividades desenvolvidas nas fábricas e demais espaços como a Igreja e as festas de rua, geralmente juninas. Acreditavam que seria necessário ter um lugar para montar uma capela para glorificar o Espírito Santo, já que celebravam a missa em louvor ao Divino desde 1975, quando o pároco permitiu a primeira coroação.



Na garagem do Sr. José Vitorino de Arruda, na Rua Zodíaco, começaram a celebrar a festa e formaram a primeira diretoria, tendo como Presidente o Sr. Manuel de Medeiros:

*“A Casa dos Açores de São Paulo foi criada em 22 de junho de 1980 por um grupo de açorianos residentes na Vila Carrão e funcionava inicialmente numa garagem à Rua Zodíaco, cedida pelo açoriano José Vitorino de Arruda. Neste dia formou-se a primeira diretoria, tendo como presidente o engenheiro Manuel de Medeiros. Em novembro de 1981, a sede foi transferida para uma antiga casa adquirida na Rua Dentista Barreto, 1.282. O projeto de construir a nova sede mobilizou as mais de 50 famílias que participaram da organização da Casa com doações em dinheiro e com trabalho.”* (MEDEIROS, 2008)

Mediante as colocações do Sr. Manuel, percebe-se que a Casa se originou a partir da necessidade dos açorianos e suas famílias de alocar as festividades e seus símbolos, especialmente do Divino Espírito Santo e do Senhor Santo Cristo dos Milagres. Nesse sentido, pode-se dizer que os movimentos de associativismo tinham um papel relevante na função social dos compatriotas, sendo também uma construção advinda da necessidade de legitimar uma cultura e de criar um espaço para se fazer a festa religiosa. Além disso, a criação da Casa tinha o intuito de associar membros e organizar um espaço de encontro entre os imigrantes (FREITAS, 2006: 166).

Essa menção diz respeito ao próprio conceito de associativismo, que, ao buscar a formação de um espaço entre iguais, recria, de certa forma, outras necessidades, como fortalecer os traços culturais dentro de grandes centros de diversidade cultural e econômica, como é o caso de São Paulo. (NOGUEIRA, 1998: 44)

O intuito de conceber essa Casa veio de diálogos entre amigos que também queriam trazer à cidade um espaço voltado para as tradições açorianas. Sabendo da existência de outros espaços articulados com essa premissa, alguns membros da comunidade que já estavam estabelecidos no bairro, juntamente com os contatos que tinham nos Açores, especialmente na Ilha de São Miguel, trouxeram para a cidade alguns símbolos que, considerados ícones da tradição religiosa, acabaram por começar ou recomeçar a trajetória deixada para trás quando da saída das ilhas.

Essa organização diretiva da Casa dos Açores mantém um elo com o Governo Regional das Comunidades nos Açores. O Conselho Mundial das Casas dos Açores foi formado pelos membros constituintes das Casas dos Açores no mundo. Na Declaração de Horta, reunidos seus representantes, formou no período de 12 a 15 de novembro de 1997, sob o patrocínio do Governo Regional dos Açores, por meio do Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades, esse elo com as direções efetivas das instituições, entre elas Elisiário dos Santos Filho, representante da Casa dos Açores de São Paulo.

*“O primeiro a dirigir a Casa foi o empresário Manuel de Medeiros, que ocupou a presidência durante cinco gestões, de 22/06/1980 a 11/07/1987. O segundo, Manuel Henrique Farias Ramos ficou no cargo de 11/07/87 a 9/07/1989, e o terceiro, Manuel Pereira Arruda, de 9/07/1989 a 6/7/1991. O quarto presidente, Antonio Mendes Cardoso Sequeira, ficou na presidência duas gestões, de 28/8/1992 a 24/06/1995. O sexto presidente foi Elisiário dos Santos Filho, que ocupou o cargo durante duas gestões, de 22/06/1996 a 29/06/2000”* (FREITAS, 2006: 167).

A cada ano seus representantes participam dos eventos nos Açores que denominam as funções e utilidades das Casas espalhadas pelo mundo, cujo intuito é manter laços e reavivar na memória de seu povo as identidades advindas de sua história. A finalidade estabelecida no estatuto da Casa dos Açores é a de promover, entre outros eventos, a Festa do Divino Espírito Santo, reconhecida entre seus pares como o maior elo com o passado. Em depoimento, o Senhor Manuel de Arruda fala sobre as idéias da formação e construção da Casa dos Açores de São Paulo:



*“Já estávamos construindo a Casa dos Açores. Então foi a 1ª festa que foi feita em frente à Casa dos Açores, foi a minha. Foi legal, geralmente tudo que se faz lá eu sou geralmente o pioneiro, tudo leva meu apreço, tudo que eu puxo o negócio pra ver se aquele está mais sério que o anterior. Porque a gente estava na frente das casas dos mordomos, estava muito ruim, não dava pra fechar a rua então não se tinha mais controle. Então eu passei em 82, eu passei justamente pra Casa dos Açores onde se faz os festejos e dali pra frente foi sempre na Casa dos Açores”.* (MEDEIROS, 2008)

Com a proposta de organizar o grupo e manter os laços de amizade, união e identificação enraizados nas tradições, os açorianos construíram um território capaz de trazer à tona lembranças do tempo dos Açores e manter “viva” a religiosidade, o companheirismo e a construção familiar que seus antepassados tinham enquanto concepções de vida. As mutuais foram sendo criadas à medida que a própria estrutura do capitalismo se formulava, impulsionando os trabalhadores a se organizarem em torno de associações. Essas eram tidas como maneiras de minimizar a falta de políticas sociais, configurando espaços que permitiam a proteção contra doenças, bem como o amparo em caso de velhice, desemprego e morte, uma vez que o Estado ainda não oferecia nenhum auxílio nesse sentido. (FORTES, 1999: 174)

Com essa ausência de proteção e apoio, surgiam os pequenos auxílios prestados pelas sociedades de socorros mútuos, que garantiam formas de amparo aos trabalhadores assalariados, o que marcaria a proliferação de tais associações no final do século XIX e na primeira metade do século XX. (LUCA, 1990: 384)

As casas regionais, segundo Seyferth (1990: 67), são associações e demais entidades de cunho étnico que surgiram no momento em que os imigrantes necessitavam de auxílio, seja para procurar trabalho, para manter os padrões culturais ou para apropriar-se do urbano, quando a cidade, em pleno crescimento, passava a ser uma nova realidade para esses imigrantes, acostumados com o meio rural nas ilhas.

Sobre a criação e objetivos das Casas Regionais: *“(...) apesar de seu caráter recreativo, um dos objetivos mais respeitados pelas associações portuguesas – inclusive pelas Casas Regionais - é a orientação e introdução dos novos imigrantes no mercado de trabalho e na vida urbana (a maioria dos portugueses vem de áreas rurais). Por outro lado, elas pretendem reproduzir no Brasil símbolos e padrões culturais característicos de Portugal ou das regiões portuguesas que representam (...)”* (SEYFERTH, 1990:67).

Também se pode dizer que, *“(...) as casas regionais apresentam-se como locais de representações e manifestações culturais de identidade local, regional e nacional relacionadas aos distritos, províncias e regiões além é claro do próprio espaço nacional português. Tais representações estão apoiadas em referências geográficas a partir das festas, símbolos, imagens, saudosismo da terra natal em que as casas regionais se constituem como lugares para o estabelecimento e encontro de manifestações que revelam lado do processo de construção de identidade associado ao espaço geográfico”* (SOUSA, 2005: 02).

O mutualismo também se inscreve como manifestação da cultura dos trabalhadores, sendo ela uma arena de conflitos permanentes, de trocas materiais, de relações de dominação, de tradições herdadas e compartilhadas (THOMPSON, 1998: 18-19). Dessa organização regional, surge uma diversidade de atividades culturais, sociais e de colaboração. Uma das atividades é a formação do grupo folclórico, que, mediante apresentações, vai inscrevendo sua marca no bairro, na cidade e no país.



### 3. Folclore e suas representações na cultura popular: Experiências e Memórias do Grupo Folclórico da Casa dos Açores de São Paulo

Os primeiros estudos acerca do folclore merecem destaque no campo das Ciências Sociais, no Brasil, nos anos de 1920, o folclore ganha força como relevante “objeto” de interesse dos intelectuais, alguns dos estudiosos desse assunto, como Amadeu Amaral e Mário de Andrade, reivindicaram por meio de suas investigações as relações dos estudos folclóricos no contexto do modernismo brasileiro. Mário de Andrade, por exemplo, quando assume a Secretaria de Cultura de São Paulo, começou a transformar a idéia em prática, criando por meio de projetos sociológicos, a abertura de entidades que pudessem ligar a preservação e a aceitação desse campo, assim, por meio da Sociedade de Etnografia e Folclore, - dos anos 1936-1939 -, tendo à frente Dina Levi-Strauss, esposa do antropólogo Levi-Strauss, professor de sociologia da Universidade de São Paulo, como uma forma de conceber e viabilizar as suas idéias, além da elaboração do projeto que culminou na abertura do Instituto de Patrimônio Artístico e Histórico Nacional. Outras revelações a partir dessa atuação, criam-se perspectivas e investigações nos estudos folclóricos, como a reconhecida produção Macunaíma, nascendo nas artes plásticas, na música e nas danças dramáticas do país.

Florestan Fernandes (1978), menciona acerca da produção folclórica de Mário de Andrade, a unidade e expressão da produção dos folcloristas brasileiros da época que ampliam a visão de país, no contexto do folclore e sua relação com o “regional” na virada do século XIX-XX. Assim, o conceito de Folclore se constrói como um elo entre os sujeitos e suas relações de sentido na arte de preservar aquilo que está se perdendo, se entrecruzando com a “modernidade” e suas relações com o futuro. Também diz respeito ao que é produzido espontaneamente pelo povo.

A palavra Folclore nasce da aglutinação dos dois termos anglo-saxônicos, *Folk* significando povo e, *lore* saber, ou seja, “saber tradicional do povo”. Esse, por sinal, segundo Brandão (1982), sintetiza as relações entre o específico, o permanente e o durável. Na sua produção de sentidos, percebe-se que a durabilidade e manutenção dependem também da sua modificação e elasticidade, considerando que, “(...) *reproduz-se enquanto é vivo, dinâmico e significativo para a vida e a circulação de trocas e de bens, de serviços, de ritos e símbolos entre pessoas e grupos sociais. Enquanto resiste a desaparecer e, preservando uma mesma estrutura básica, a todo o momento se modifica e se recria*” (BRANDÃO, 1982: 38).

*“A cultura popular é, em suma, a tomada de consciência da realidade brasileira. Cultura popular é compreender que o problema do analfabetismo, como o da deficiência de vagas nas Universidades, não está desligado da condição de miséria do camponês, nem da dominação imperialista sobre a economia do país. Cultura popular é compreender que as dificuldades por que passa a indústria do livro, como a estreiteza do campo aberto às atividades intelectuais, são frutos da deficiência do ensino e da cultura, mantidas como privilégios de uma reduzida faixa da população. Cultura popular é compreender que não se pode realizar cinema no Brasil, com o conteúdo que o momento histórico exige, sem travar uma luta política contra os grupos que dominaram o mercado cinematográfico brasileiro”* (GULLAR, 1965: 3-4).

Em momentos distintos a cultura popular foi associada ao folclore na concepção de nação, sendo fortalecida pela expressão das classes subalternas, foi pensada como “autêntica”, “pura”, mas deveras criticada no âmbito da representação das necessidades e anseios do povo, como reivindicatória, como resistência e mesmo como excluída. O movimento cepecista que ocorreu nos anos de 1960, “(...) *a oralidade sugere um continuum não entre o “fato folclórico” e a “arte do povo” ou a “arte popular”, mas sim entre os intelectuais folcloristas e cepecistas que falam “por sobre os ombros” do “povo”, enquanto porta-vozes do “popular”* (ROCHA, 2009: 227).





Para Gonçalves (1988: 266), a identidade cultural pode ser representada por patrimônios culturais, pois, *“(...) os chamados patrimônios culturais podem ser interpretados como coleções de objetos móveis e imóveis, através dos quais é definida a identidade das pessoas e de coletividades como a nação, o grupo étnico etc. (...)”*.

Essa concepção traz à tona os bens materiais e imateriais enquanto forma de representação dos sujeitos, de aspectos que definem seu cotidiano e suas relações com o ambiente de produção de sentidos do viver e experienciar a temporalidade e ao que ela se refere no tempo e no espaço, como um significado que define sujeitos e grupos temporal e geograficamente. Considerando a cultura como um conjunto de elementos que define o homem no seu espaço e tempo, a produção de objetos também o define como traços e elementos capazes de identificar os sentidos dessa produção.

O folclore no centro das discussões acadêmicas foi lançado no Brasil durante o I Congresso Brasileiro, tendo a base na cidade do Rio de Janeiro, em 1951, momento em que diversos folcloristas debateram sobre o folclore. Nesse momento trataram especificamente das direções em que os traços do folclore estavam sendo tratadas, como a transmissão oral, as gerações e as tradições, a sobrevivência e os encaminhamentos das memórias dos povos.

Muitas discussões perpetuam no sentido de garantir essas memórias dos povos, especialmente no que tange aos estudos do popular, onde a caracterização do folclore não é uniforme entre os estudiosos, pois, o objeto do folclore deveria ser algo ligado às “sobrevivências”, dos costumes, gerações e dos valores culturais, pois, muitos dos estudiosos acreditam ser o folclore o estudo da cultura tradicional.

A Carta do Folclore Brasileiro, que, aprovada no Congresso Brasileiro de Folclore, nesse primeiro congresso, coloca o fato folclórico como *“(...) maneiras de pensar e agir de um povo, preservadas pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio científico humano ou à fixação de uma orientação religiosa e filosófica.”* (LIMA, 2003: 15)

Alguns pensadores como Florestan Fernandes contrapõem a Carta do Folclore de 1951, e questionam os elementos folclóricos nas classes sociais, revelando a presença de “escolhas” na medida em que há condições para isso.

*“Os mesmos elementos folclóricos ocorrem, indistintamente, em ambos os meios ou classes sociais. Os provérbios, as mesmas “superstições” e as mesmas “crendices”, os mesmos contos e as mesmas lendas etc. são igualmente usados por indivíduos do “povo” ou das classes “altas” e “cultas” (...) o pobre (...) só não joga tênis provavelmente porque não pode, nada impedindo ao burguês o jogo de malha, enquanto a elevação do padrão de vida muitas vezes faculta ao primeiro, recreações caras - o tênis inclusive -, permitindo-lhe manter, até, um estilo de vida quase burguês. Em outros casos, há costumes que são conservados apenas nos níveis mais elevados, desaparecendo nos mais baixos, como a apresentação da filha à “sociedade”, como é comum em São Paulo e no Rio de Janeiro etc. (...)”* (FERNANDES, 2003: 45-6).



Alguns encontros fortuitos foram sendo travados nas discussões sobre o folclore, conduzidas, durante o “ (...) VIII Congresso Brasileiro de Folclore, reunido em Salvador, Bahia, de 12 a 16 de dezembro de 1995, procedeu à releitura da Carta do Folclore Brasileiro, aprovada no I Congresso Brasileiro de Folclore, realizado no Rio de Janeiro, de 22 a 31 de agosto de 1951 (...)”, no qual foi definido o conceito de Folclore e outras definições:

*“Capítulo I – CONCEITO*

*1. Folclore é o conjunto das criações culturais de uma comunidade, baseado nas suas tradições expressas individual ou coletivamente, representativo de sua identidade social. Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade. Ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. A expressão cultura popular manter-se-á no singular, embora entendendo-se que existem tantas culturas quantos sejam os grupos que as produzem em contextos naturais e econômicos específicos.*

*2. Os estudos de folclore, como integrantes das Ciências Humanas e Sociais, devem ser realizados de acordo com metodologias próprias dessas Ciências.*

*3. Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Conseqüentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas”. (COMISSÃO DO FOLCLORE)*

As idéias perpetradas durante o I Congresso Brasileiro de Folclore entendem as investigações acerca do folclore enquanto integrantes das ciências antropológicas e culturais, além de contrariar os preconceitos sobre a direção do folclore como fato espiritual, e aconselha que sejam viabilizados os estudos do universo popular plenamente, tanto nas abordagens materiais quanto imateriais, onde os aspectos espirituais e imagéticos são considerados.

As músicas, danças e outros elementos contidos nas esferas do folclore são considerados formas de manutenção das tradições, ou mesmo das manifestações da cultura popular, como é o caso das diretrizes das casas culturais enquanto mantenedoras da cultura.

Os grupos folclóricos criados com o intuito de manter o elo com o popular, formados por integrantes tanto da comunidade quanto de pessoas interessadas sem vínculos étnicos, vão fortalecendo a idéia de parafolclórico, no que se compõe por meio da organização de pessoas que se apresentam por meio do lúdico, dos folguedos e danças folclóricas, e possuem integrantes, sem necessariamente ter vínculos com as tradições representadas. São formados em números e representações nos vestuários, nas danças e treinam para representar um grupo com especificidades temporais, e, nesse sentido a Casa dos Açores trouxe junto a outras atividades, a proposta do grupo folclórico, ou parafolclórico, para ser mais condizente com a realidade.

Na carta do Folclore Brasileiro, tem-se a denominação de grupos parafolclóricos compostos por pessoas organizadas que se apresentam por meio do lúdico, dos folguedos e danças folclóricas, e possuem integrantes, sem necessariamente ter vínculos com as tradições representadas. São formados em números e representações nos vestuários, nas danças e nos folguedos por meio de treinamentos regulares (COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE, 1995).

Essa é uma das formas de manter viva a memória dos Açores, pois, a atuação do grupo folclórico criado em 1981, que tem o intuito de demonstrar a manifestação folclórica dos açorianos por meio das músicas e canções populares, da dança e da harmonia do grupo, composto por cerca de



cinquenta membros. O grupo traz em seus trajes típicos a memória dos antepassados e também daqueles que vieram jovens ao país, além das cantigas de memória, tais como:

*“Açores e suas ilhas (Casa dos Açores - SP), Aos Açores (todas as Ilhas), Sapateia (Ilha de São Miguel), Bela Aurora (Ilha Terceira), Carinhosas (Ilha Terceira), Ladrão (Ilha de São Jorge), Mateus, Mateus (Ilha do Pico), Pezinho da Vila (Ilha de São Miguel), Pezinho do Pico (Ilha do Pico), Olhos Pretos (todas as Ilhas), Balho da Povoação (Ilha de São Miguel), Balho das Fitas (todas as Ilhas), Balho Furado (todas as Ilhas), Eu cá sei (Ilha do Faial), Chamateia (Ilha Terceira), Boi de Mar (Ilha do Pico), Merciana (Ilha de São Miguel), Chamarrita (Ilha Terceira), Viradinha (Ilha Terceira), Amor do Estudante (Ilha Terceira), Mané Chiné (Ilha do Pico), Os Bravos (Ilha Terceira), Lira (todas as Ilhas), Rema (Ilha das Flores), O Pai do Ladrão (Ilha Terceira), Pêssegos (Ilha de São Jorge), Vacas Lavradas (Ilha do Corvo), Palmas (Ilha do Pico), O Ladrão da Noite (Ilha Terceira), Erró (Ilha de São Miguel), Sapateia da Salga (Ilha de São Miguel), Balancé (Ilha Terceira) e Manjerição da Serra (Ilha de São Miguel)” (CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO).*

O olhar para o passado perpetua as identidades que, somadas às atitudes em manter viva a memória, refazem trajetos e formas de viver o cotidiano, além das representações como a dança e os folguedos mantidos lá e cá. Os sentidos das músicas dizem respeito também à memória das ilhas de onde vieram. A esse exemplo estão os mais populares de cada localidade, pois, a comunidade da Vila Carrão veio em sua maioria das Ilhas de São Miguel e Terceira. Quando aborda a questão das atividades do grupo folclórico da Casa dos Açores de São Paulo, o Senhor António Arruda menciona:

*“O Grupo Folclórico da Casa dos Açores de São Paulo criado em 1981, tem como objetivo projetar uma manifestação espontânea da cultura do povo açoriano em terras brasileiras. Os Açores são nove ilhas habitadas por uma população que fala a mesma língua e tem costumes afins, mas quando se expande em seus folguedos cada ilha pratica e interpreta a seu modo”. (ARRUDA, 2018).*

Sobre as escolhas de formação e manutenção do grupo, abordam um pouco do sentimento e dos sentidos do grupo, percebendo as relações humanas da coletividade e principalmente do manter “vivo” o elo com a história dos imigrantes.



**Figura 1.** Grupo Folclórico da CASP - Casa dos Açores de São Paulo. **Fonte:** Acervo da Casa dos Açores de São Paulo doada para esse trabalho.

*“Ainda que os objetivos primordiais de suas respectivas criações continuem coerentes ao longo do tempo, estes grupos sofreram transformações na forma de suas apresentações. Em geral, o que antes era uma atividade “da comunidade para a comunidade” (os grupos se apresentavam apenas no âmbito das organizações a que tinham pertinência e em eventos correlatos com suas respectivas etnias), com o tempo passaram a desenvolver ações no sentido “da comunidade para a sociedade” (os grupos se apresentam onde quer que sejam convidados). E há casos em que a apresentação dos grupos segue vieses turístico-comerciais positivos, ainda que motivados pela própria comunidade de pertencimento, o que, às vezes, implica divergências entre os próprios membros da comunidade onde estão ambientados.” (BOSCHILIA, 2015: 46)*

As atividades desenvolvidas nessas casas regionais acabam fortalecidas pela imagem de que precisam de um padrão de apresentações que devem seguir regras e uma instrumentalização única, com comida, religiosidade, ações coletivas como grupos de música e dança entre outros, e, isso, favorece a concepção e construção de grupos folclóricos, como esse que foi concebido na Casa dos Açores de São Paulo.

A idéia de que esse grupo represente sua identificação musical e de danças das ilhas de onde vieram, corrobora com a premissa de que é necessário organizar uma padronização de ações para efetivamente participarem de atividades culturais pela cidade e pelo mundo, a fim de divulgar uma cultura que, ora transformada, criada ou mesmo reinventada, consegue transpor barreiras e se manter. Como expectativas, o grupo tenta abordar aspectos do passado e da motivação temática de um tempo anacrônico, pois, não se adequa às atividades contemporâneas. A esse respeito se percebe:

*“Nosso repertório é todo original das ilhas, onde temos partituras, letras e vídeos (trazidas pelos componentes que assim foram aos Açores participar de cursos sobre folclore), nossos balhos, viola da terra era um instrumento de estimação, seus pontos eram a companhia indispensável dos emigrantes.” (PAES, 2018)*

Desse repertório, trazido e transportado para a Vila Carrão, há a memória dos que vivem na cidade de São Paulo e rememoram a infância ou a juventude nas Ilhas, pois, essa volta no tempo diz única e exclusivamente respeito a alguns membros da comunidade participe. Os descendentes conhecem as histórias por meio das lembranças dos pais e avós, nem sempre se identificam com o cenário e as concepções do grupo, mas participam ativamente enquanto crianças e jovens, outros rompem com a proposta de manutenção das atividades açoriano-culturais e vão sendo adaptados à cultura da cidade metropolitana.

As lembranças ou até mesmo a idéia de visitação para turistas demonstra um pouco desse universo de ações voltadas para uma padronização de ações e objetivos, que, muitas vezes acompanham a comunidade apenas no que se refere à tentativa de manter as identidades açorianas.

Apesar da possibilidade de se transformar num processo de espetacularização algo possível e factível, a idéia de transformação das atividades do grupo em entretenimento acaba sendo fortalecida pela concepção de manutenção das representações simbólicas e imagéticas dos grupos, como é o caso dos açorianos de São Paulo.

*“A ‘espetacularização’ é o poder do olhar, que pode ser construído de fato como dois poderes opostos e conflitantes. Por um lado, o poder do espetáculo pode ser o poder de quem olha e é olhado, como é o caso do poeta popular que recita na feira, dos brincantes de uma folia que se deslocam tocando e cantando pelo povoado, ou dos dançarinos que se apresentam em seu ambiente comunitário. Em todos esses casos, artista e público se olham em um espaço comum e familiar aberto às trocas, inclusive de posições, entre quem olha e quem é olhado. A ‘espetacularização’ possui um outro lado,*



*predador, ou objetificador, que é o olhar que não se sabe olhado por aquele que comanda o seu olhar; e que é também o olhar daquele que se recusa a ser olhado. Este é o olhar do consumidor, que não pode suportar o espelho da sua condição objetificada de sujeito para o consumo” (CARVALHO, 2010: 50).*

Apesar das ações do grupo se voltarem para apresentações tanto na Casa para a própria comunidade e associados, quanto em atividades externas e, em encontros com outros grupos de açorianos pelo Brasil e demais eventos culturais que colaboram na concepção de apoio às diversidades culturais na cidade, é preciso pensar sobre como ela tem concebido essa ação coletiva. A partir do momento em que se institucionaliza e se “comercializa” por meio da promoção no calendário de eventos da cidade, pela SPTuris (5), a possibilidade de ser “canibalizado” como menciona José Jorge de Carvalho, no artigo *‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina*, no qual formula crítica sobre a *“mercantilização das formas culturais tradicionais, que são expropriadas dos seus circuitos comunitários por agentes externos a serviço do turismo e do entretenimento”*, faz-se necessário pensar sobre como a comunidade quer ser e o que ela objetiva para seus propósitos de manutenção da cultura.

A mercantilização da cultura nasce quando se vende a ação, comercializando as danças, música, movimentos e expressões dos grupos, por meio do entretenimento, o que Debord chama de *“Sociedade do Espetáculo”*, ávida pela idéia de *“(…) novo poderio de embuste, a crescente necessidade de se ter e criar objetos (...)”*, ou ainda, a idéia de que o princípio da aparência da mercadoria é mais importante que o seu valor de uso, pois a aparência atrai a contemplação do público e faz da mercadoria o sucesso. É como se fosse uma imagem colocada a serviço do capitalismo (SCHARTZENBERG, 1978: 9).



**Figura 2.** Grupo Folclórico da Casa dos Açores de São Paulo. **Fonte:** Casa dos Açores de São Paulo, 2017.

As tradicionais apresentações do grupo folclórico, - como um dos anseios do grupo na Casa dos Açores -, pode ser entendida e visualizada como uma continuidade dos habituais conceitos da musicalidade e da dança, formando um elo com as origens. Nesse caso, conforme definido por Hobsbawn e Ranger, tanto as 'tradições' realmente inventadas, construídas institucionalizadas de maneira formal, quanto as mais atuais, como é o caso desse grupo, incluem atividades semelhantes às tradições do lugar de origem, trazidas e recriadas pelos imigrantes. Ao mesmo tempo, as ações vinculadas pela Casa para garantir a manutenção das identidades passa pela recriação e invenção do grupo na cidade de São Paulo, como algo representativo do grupo, não necessariamente alinhado ao passado, mas criado com o intuito de representar imagetivamente e simbolicamente a música, a dança e os movimentos de um tempo passado e de um lugar de memória do passado, que não faz parte da vida cotidiana no presente, mas forma-se como uma referência das memórias açorianas dos pais, avós e demais antepassados.

A continuidade das ações do grupo não é uma tarefa fácil, pois, enquanto uma criação presente, nem sempre representativa da coletividade, mas da imagem criada sobre ela, transpõe as intenções e garantias de manutenção.

#### 4. Relações simbólicas e imagéticas: Vestuário, Ornamentação, Música, Dança e o Patrimônio Cultural açoriano

Gonçalves (2007: 111) aborda a concepção do patrimônio enquanto uma categoria relevante da sociedade e não restrita às modernas sociedades ocidentais. Na construção das simbologias e sentidos do universo/campo do imaterial na composição estrutural do patrimônio, menciona que, "(...) diferentemente das concepções tradicionais, não se propõe o tombamento de bens listados nesse patrimônio. A proposta é no sentido de 'registrar' essas práticas e representações e de fazer um acompanhamento para verificar sua permanência e suas transformações". Esse "registro" nasce de interpretações distintas nos campos da Antropologia, da História e do Turismo, pode-se inferir que compõe-se da tentativa de valorização do popular, do "povo" e do que ele representa.

As músicas, danças e a ornamentação dos membros do grupo contam um pouco da terra natal como símbolo. As apresentações fora da Casa dos Açores têm o intuito de difundir a cultura açoriana trazida pelos imigrantes a São Paulo, indiferente da ilha de onde vieram. A maioria delas, como se pode ver a seguir, experienciam a mesma relação de músicas que grupos folclóricos dos Açores promovem nas Ilhas. Das músicas, relacionam-se a vida cotidiana no espaço rural, os sentimentos, a viagem, a saudade, a emigração entre outros assuntos corriqueiros.

*"Açores e suas ilhas - Casa dos Açores SP. Aos Açores - Todas as Ilhas Sapateia - Ilha de São Miguel; Bela Aurora - Ilha Terceira, Carinhosas - Ilha Terceira; Ladrão - Ilha de São Jorge; Mateus, Mateus - Ilha do Pico; Pézinho da Vila - Ilha de São Miguel; Pézinho do Pico - Ilha do Pico; Olhos Pretos - Todas as Ilhas; Balho da Povoação - Ilha de São Miguel; Balho das Fitas - Todas as Ilhas; Balho Furado - Todas as Ilhas; Eu cá sei - Ilha do Faial; Chamateia - Ilha Terceira; Boi de Mar - Ilha do Pico; Merciana - Ilha de São Miguel; Chamarrita - Ilha Terceira; Viradinha - Ilha Terceira; Amor do Estudante - Ilha Terceira; Mané Chiné - Ilha do Pico; Os Bravos - Ilha Terceira; Lira - Todas as Ilhas; Rema - Ilha das Flores; O Pai do Ladrão - Ilha Terceira; Pêssegos - Ilha de São Jorge; Vacas Lavradas - Ilha do Corvo; Palmas - Ilha do Pico; O Ladrão da Noite - Ilha Terceira; Erró - Ilha de São Miguel; Sapateia da Salga - Ilha de São Miguel; Balancé - Ilha Terceira; Manjeriço da Serra - Ilha de São Miguel".*



Uma das letras criadas pela Casa dos Açores de São Paulo, fala um pouco sobre a terra natal e a vinda para uma nova vida:

*Boa noite meus senhores*  
O Ideário Patrimonial // Elis Regina Barbosa Angelo // pp. 26 - 046  
*É boa noite a cantar*

*É a Casa dos Açores*  
*Que se esta apresentar*

*Ó minha terra querida*  
*Terra assim eu nunca vi*  
*Início da minha vida*  
*O berço onde eu nasci*

*Eu canto desta maneira*  
*Com prazer e alegria*  
*Pico, Faial e Terceira*  
*São Jorge e Santa Maria*

*São Miguel a mais formosa*  
*Das nove ilhas dos Açores*  
*O Corvo e a Graciosa*  
*Além da Ilha das Flores. (CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO)*

*“Os balhos açorianos possuem uma coreografia caracterizada por movimentos lentos e marcações de extrema simplicidade, mas rico em sua tradição. O povo balhava à sua vontade... O instrumento típico dos nossos balhos é a viola da terra. A viola era um instrumento de estimação, seus pontos ferviam na alma dos tocadores e na de quem os ouviam; apaixonavam os namorados e a saudade dela se vivia, por isso a viola da terra era a companhia indispensável do nosso emigrante (...)”* (ARRUDA, 2018).

O passado transcrito no imaginário do imigrante condecora ações que rememoram o passado, numa tentativa de manter vivo o elo com as terras dos Açores e da cidade grande, tendo como pano de fundo a simplicidade e a organização da vida ao *modus operandis* de outrora.

Nessa perspectiva, o *modus operandi* é a forma com a qual os sujeitos vivem na prática suas relações com o cotidiano. Para Bourdieu (2000), o *habitus* é o princípio unificador e gerador de cada prática, sendo possível observar o seu princípio gerador em cada caso, pois, o *habitus* orienta a posição que ocupa cada sujeito e suas ações no espaço social. Acredita que, a simples escolha exprime as diferenças sociais mais fundamentais tanto quanto as exprimiria num sistema complexo e refinado. As escolhas, desde as indumentárias até seus símbolos, são ações escolhidas e mediadas pelo grupo do qual participa (BOURDIEU, 2000: 84).

As danças e músicas se adéquam às tradicionais leituras da concepção folclórica dos grupos nos Açores. Os membros vão adequando o vestuário, a coreografia e a encenação à moda das Ilhas, todo repertório é inspirado no que se produz lá. Na relação com as casas dos açores do mundo, as experiências são constantemente trocadas, membros de cada casa viajam para outras cidades para conhecerem um pouco dessa relação de multiplicação das “identidades”, que relaciona ideias do próprio Governo Regional das Comunidades com a proposta das casas dos Açores pelo mundo onde ouve a emigração e por onde ainda se tem relações políticas, econômicas, sociais e culturais.





Figura 3: Vestuário do Grupo Folclórico da Casa dos Açores de São Paulo. Fonte: Casa dos Açores de São Paulo: Grupo Folclórico.

*“Os nossos trajos são de meados do séc. XIX e início do séc. XX. O povo nos dias festivos apresenta-se geralmente com asseio e capricho, pela semana vestem-se de lã e linha que cultivavam. Os homens usavam jaqueta, colete e carapuça de lã, o que vai de acordo com cada ilha. As mulheres com saias de lã de cores escuras, lenços e chapéus. Dança-se para mostrar quem é, e quem foi o povo açoriano. Por isso, há que ter consciência que dançando não somos um EU, mas a expressão de um povo. E em termos de folclore, não há melhor nem pior, há apenas o que é autêntico.” (CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO).*

Das propostas de criação e apresentação do grupo tanto na Casa dos Açores quanto em eventos na cidade e até mesmo em outros lugares, concentram-se os esforços na idéia de “diferenciação” do grupo, ou seja, o que os difere e os agrupa na fundação do conceito de folclore dos Açores. Para essa medida, acreditam ser uma ação coletiva e, “(...) defender o patrimônio é um gesto natural de quem defende a própria existência. O folclore açoriano é acima de tudo a demonstração do sentimentalismo de um povo sofrido e trabalhador, porém esperançoso e patriota que se orgulha de ser açoriano (...)” (CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO).

Segundo Decreto Nº 5.753, de 12 de abril de 2006, que promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003, e assinada em 3 de novembro de 2003, corroborando com a ideia de que:

*“1. Entende-se por “patrimônio cultural imaterial” as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”, o grupo que se organiza a partir de um fundamento*



*étnico, construído pelos valores e expressões de seu povo, traça uma ação de reconhecimento e afirmação coletiva.”*

A idéia de se conservar o passado por meio de esforços da comunidade diz respeito à luta por suas referências contra o seu desaparecimento ou mesmo esquecimento, (RICOEUR, 2010: 435) especialmente, a fim de garantir que se mantenha de algum modo os traços e representações entre o tempo passado e o tempo presente e coexista uma memória ou ação presente sem rupturas significativas ou transformações drásticas. Pois, a conservação de traços do passado parecem indissociavelmente ligadas ao objetivo de materializar o passado no presente e garantir sua manutenção no futuro (GUILLAUME, 2003: 89). A preocupação em salvaguardar o passado, traça, grosso modo, a intenção de manutenção cultural para o futuro e a fim de não ser esquecidas as raízes e os percalços que trouxeram a tona o ato de deslocar-se e formar um novo espaço e território, e tem por objetivo, *“recuperar memórias, ritualizar sociabilidades, selecionar bens culturais e transmitir legados para o futuro”* (PEREIRO, 2006). Ao passo em que, o patrimônio cultural não é a junção de dois conceitos, nem de patrimônio e nem de cultura, pois se configura numa negociação de símbolos e significados entre as expressões e sentidos dados pela sociedade na conservação da memória e da história.

*“(...) uma das confusões conceituais mais frequentes entre os investigadores e entre os agentes de patrimonialização, parte-se do pressuposto de que, na cultura não podemos patrimonializar nem conservar tudo, daí que o património cultural seja só uma representação simbólica da cultura, e por isso resultado dos processos de seleção e de negociação de significados.”(...) O património cultural tem-se afigurado como instrumento para o repensar das sociedades no sentido de através dele perceber o “debate sobre os valores sociais e a patrimonialização (...) um processo de atribuição de novos valores, sentidos, usos e significados a objetos, a formas, a modos de vida, saberes e conhecimentos sociais”* (PEREIRO, 2006: 27).

*“A patrimonialização pode ser lida como processo interrelacionado à territorialização das relações de visitação, na qual se correlacionam território e cultura e onde se elabora uma ‘consciência dos valores patrimoniais’ nos quais se atribui valor de representação e comunicação”* (CARA, 2004: 11).

A discussão sobre a manutenção das representações por meio de atos legais de conservação e preservação do patrimônio vem crescentemente sendo discutida nos âmbitos acadêmicos, especialmente quanto à forma de preservar o passado, como fazê-lo e porquê? Essa relação diz respeito as criações e reinvenções de grupos, de imagens e mesmo de temporalidades imaginadas, pois, os jovens da cidade e descendentes de açorianos estão dentro de uma categoria de imaginação e simbolismos, pois, não viram, não viveram e apenas tem apreço por conta das lembranças dos antepassados, além de ser uma ação institucionalizada.

## 5. Considerações sobre a produção oral e a continuidade das ações: As Identidades, o Folclore e o Patrimônio Cultural

A idéia de pertencimento vem das ações em manter e continuar objetivos, lógicas e atitudes de outro momento, além dos objetos, que, ao serem patrimonializados, passam a constituir elementos de sistemas simbólicos, organizados a partir de subjetividades, de identidades e representações culturais. (BAUDRILLARD, 2008; CLIFFORD, 1994)

A criação das representações materiais, como objetos e instrumentos, faz parte de um sistema cultural, pois, ao serem apropriados, inventados ou mesmo retirados do seu contexto real (no



passado) e inseridos em outras temporalidades e contextos, tornam-se ícones de ideias, valores, identidades, formando modalidades de autoconsciência individual e coletiva, mas reinventadas e recriadas com outros sentidos (6).

*“A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder” (SILVA, 2000: 81).*

O demarcar fronteiras simboliza a diferenciação do grupo no espaço. Ser açoriano e descendente de açoriano em São Paulo representa a diferenciação e visibilidade do grupo coletivamente. Ampliar as ações e apresentações afirma a existência das identidades e a relação viva da cultura enquanto expressão simbólica e imaginária.

Os processos migratórios estruturam-se por meio de signos e simbolismos, geralmente em torno de traços diacríticos como rituais, cultos, relações de parentesco e pertencimentos, isso pode ser interpretado como seu patrimônio imaterial. O folclore e os grupos formados com os rituais do passado ascendem à unidade e aos traços historicamente constituídos. Assim, percebe-se que, mediante a formação da cultura popular dos imigrantes, alguns signos diacríticos são evidenciados e se organizam em unidades e coletividades. (BARTH, 1998)

As regras e valores atribuídos aos grupos e seus sentidos vão sendo amalgamados de acordo com as relações práticas de comportamentos e regras, e, também pode permitir a inserção de novos indivíduos, com o intuito de manter viva a idéia e fortalecer o grupo.

*“O GF da CASP enquanto representante de uma região insular composta por 9 ilhas que distam entre a mais ocidental da mais oriental cerca de 600 km, tem por propósito representar a dança e a música de cada umas destas ilhas. Os ritmos variados de algum modo tem algo em comum. Nestes balhos há sempre uma referencia ao espírito e ao modo de ser açoriano e á vida que, de algum modo lhes é tão parecida. Nesse contexto, destacam-se o Balho Furado e o Balho da Povoação da ilha de São Miguel. O Balho das fitas, as chararitas, o Mané Chiné da ilha do Pico, e assim por diante. De igual forma á diversidade dos balhos, o grupo se apresenta com trajos do grupo tem por proposito apresentar ao publico uma diversidade de níveis sociais e atividades profissionais dos Açores de outrora. Ademais se pretende, de algum modo, representar as diversas ilhas do arquipélago. Há ainda na composição atual do grupo alguns membros da constituição original em 1981” (ARRUDA, 2018).*

*“Alguns membros não são de origem açoriana mas de Portugal continental. Naturalmente também fazem parte do grupo integrantes nascidos no Brasil, com e sem ascendência açoriana. O grupo contou com diversas “gerações” ao longo de sua historia. No momento está sendo revendo sua estratégia de ensaios para se adequar aos compromissos de seus integrantes, de modo a compatibilizar a vida agitada de uma megalópole como São Paulo com esta necessidade. Há ainda a necessidade de se agregar novos integrantes para manter um numero adequado às apresentações. Para compor o grupo se exige apenas disposição, interesse e disponibilidade. O GF conta com uma tocata que é composta em sua maioria por jovens açoriano descendentes que foram formados musicalmente dentro da própria CASP” (ARRUDA, 2018).*

As ações de formação do grupo representam a afirmativa de “invenção” do passado, recriação do cotidiano e das festividades do passado, onde a musicalidade e as representações são modeladas e dão rumo aos princípios, valores e costumes que ora forma sendo modificados no espaço urbano e

na tessitura da cidade metropolitana, tão múltipla e com tantos grupos sendo fortalecidos por ações coletivas de visibilidade.

As roupas folclóricas são utilizadas apenas nos momentos de apresentação, pois representam a cultura açoriana e as ilhas, seja enquanto um conjunto de signos e sinais diacríticos que compõem a tradição (re)inventada e (re)criada, seja na definição de formas de sociabilidade dos imigrantes, dos visitantes e demais apreciadores do grupo.

*“Nosso grupo é composto de membros de todas as idades, onde o mais novo tem 2 aninhos (nosso mascote) e o mais experiente 80 anos. Na sua grande maioria filhos e netos de açorianos. Boa parte são jovens estudantes, e os mais antigos fazem parte do coral e tocata”.* (PAES, 2018)

*“Temos um grande problema onde já pude perceber em conversas com ensaiadores dos outros grupos açorianos pelo Brasil ser muito comum, onde os jovens não se interessam em continuar no grupo folclórico por ser um compromisso sério, (onde temos ensaios, apresentações, etc). Isso é uma grande dificuldade porque os jovens de 15 a 20 e poucos anos querem sua liberdade nos finais de semana (passear com amigos, festas em família, etc). Tentamos passar os ensaios que hoje acontecem aos domingos, para a semana (mas muitos estudam, trabalham e não deu certo, por isso voltamos aos domingos). Procuramos incentivar sempre a manter a tradição, mas é bem complicado. Todo final de mês fazemos uma festinha com os aniversariantes do mês, procuramos incentivar os componentes promovendo campeonato de baralho (sueca), vídeo game, etc.”* (PAES, 2018).

Dessa relação, Cunha (1986: 99) define a cultura original de um grupo étnico, tanto nos processos da diáspora quanto em situações de interação e interrelação que *“(...) não se perde ou se funde simplesmente, mas adquire uma nova função, essencial e que se acresce às outras, enquanto se torna cultura de contraste: este novo princípio que a subtende, a do contraste, determina vários processos”.*

Acredita ainda que *“(...) a cultura tende ao mesmo tempo a se acentuar, tornando-se mais visível, e a se simplificar e enrijecer, reduzindo-se a um número menor de traços que se tornam diacríticos (...)”* (CUNHA, 1986: 99).

Essa idéia de manutenção do grupo requer ações de incentivo à participação, pois, os interesses do grupo são diluídos na essência do que realmente representa a música, a dança e os hábitos, valores e costumes do passado. Não há como garantir a continuidade do grupo com anseios e representações dos mais velhos, pois, o que foi vivido, sentido e experienciado, não fazem parte dos jovens descendentes, das imagens de um passado saudoso e reverenciado, mas das memórias e lembranças de seus antepassados que muitas vezes está num lugar de memória deles e somente deles. Essa referência corrobora com a idéia de que a cultura é plástica, não aceita formas de engessamento não se cristalizam em temporalidades e tão pouco é mantido de qualquer modo. As referências tendem a transformar-se, ou até mesmo a desaparecer, depende dos interesses e incentivos do próprio grupo.



## NOTAS

(1) Esse trabalho faz parte das investigações sobre a Emigração Açoriana, um projeto de integração entre a Universidade dos Açores, a Direção Regional das Comunidades, Governo dos Açores e demais Instituições colaboradoras com a sistematização da História da Emigração Açoriana (HEA) no mundo.

(2) Esse trabalho faz parte das investigações sobre a Emigração Açoriana, um projeto de integração entre a Universidade dos Açores, a Direção Regional das Comunidades, Governo dos Açores e demais Instituições colaboradoras com a sistematização da História da Emigração Açoriana (HEA) no mundo.

(3) Esse grupo de imigrantes que criaram a Casa dos Açores de São Paulo vieram ao Brasil na década de 1950, momento desenvolvimentista de São Paulo e da industrialização, pela qual foram recrutados inúmeros imigrantes portugueses, espanhóis e italianos.

(4) O Cotonifício Guilherme Gorge foi a indústria que trouxe por meio de Cartas de Chamada, os açorianos para trabalharem e viverem no Brasil, especialmente na cidade de São Paulo, onde estava focalizada.

(5) São Paulo Turismo - Empresa de Turismo e Eventos da Cidade de São Paulo.

(6) Como mencionam Hobsbawn e Ranger (1997: 9), esses elementos recriados, “(...) visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado (...)”.

## BIBLIOGRAFIA

ANGELO, Elis Regina Barbosa - Trajetórias dos Imigrantes Açorianos em São Paulo: Processos de Formação, Transformação e as Resignificações Culturais. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

BARTH, Frederick - Grupos Étnicos e suas fronteiras. In POUTIGNAT, P. (ed.) Teorias da etnicidade. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat, Jocelyne Streiff-Fenard. Tradução de Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

BAUDRILLARD, Jean - O sistema de objetos. São Paulo: Perspetiva, 2008.

BOSCHILIA, Emilio Carlos - Grupos Folclóricos em Curitiba; Elementos de Identidade Imigrante: O Grupo Alma Lusa. Curitiba: Ed.do Autor, 2015.

BOURDIEU, Pierre - O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues - O que é folclore. Brasiliense, 1982.

CARA, Roberto Bustos - Patrimonialización de valores territoriales, turísticos, sistemas productivos y desarrollo local. In Aportes y transferencias. Mar del Plata: Universidade Nacional de Mar del Plata, v.8, n.2, 2004, p. 11-24.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE - Carta do Folclore Brasileiro. Salvador: CNF, 1995.

CARVALHO, José Jorge de - ‘Espetacularização’ e ‘canibalização’ das culturas populares na América Latina. *Revista ANTHROPOLÓGICAS*, ano 14, vol.21 (1), (2010), p. 39-76.

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO - Fundação da Casa dos Açores de São Paulo, em Vila Carrão. Açor - Órgão Informativo da Casa dos Açores. Ano I, n.1. São Paulo, jun./jul. de 1987.



CLIFFORD, James - Colecionando arte e cultura. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 23, 1994, p. 69-89.

COMISSÃO NACIONAL DE FOLCLORE - Carta do Folclore Brasileiro. Salvador: CNF, 1995.

CUNHA, Manuela Carneiro da - Antropologia do Brasil: mito, história, etnicidade. São Paulo: Brasiliense: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

DEBORD, Guy - A sociedade do espetáculo. São Paulo: Contraponto, 1997.

DEBORD, Guy - A Sociedade do Espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FERNANDES, Florestan - O folclore em questão. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FERNANDES, Florestan - O folclore em questão. São Paulo: Hucitec, 1978.

FORTES, Alexandre - Da Solidariedade à Assistência: estratégias organizativas e mutualidade no movimento operário de Porto Alegre na primeira metade do século XX. Cadernos AEL – Sociedades Operárias e Mutualismo. Edição 10/11, Vol.6. Campinas: UNICAMP/ IFHC, 1999.

FREITAS, Sônia Maria de - Presença Portuguesa em São Paulo. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos - A retórica da perda: os discursos do Patrimônio Cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos - Ressonância, materialidade, subjetividade. As culturas como patrimônios. Horizontes Antropológicos, ano 11, n. 23, (jan./jun. 2005), p. 15-36.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos - Antropologia dos objetos – coleções, museus e patrimônios. Rio de Janeiro, Garamond, 2007.

GULLAR, Ferreira - Cultura popular posta em questão . Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

GUILLAUME, Marc - A política do Patrimônio. Campo das Letras – Editores, S.A, 2003.

HALL, Stuart - A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Cultura, Mídia e Educação. Revista Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 22, n.2, (jul./dez. 1997), p. 15-46.

HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence - A invenção das Tradições. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude - O pensamento selvagem. Campinas: Papirus, 1989.

LÉVI-STRAUSS, Laurent - Patrimônio imaterial e diversidade cultural – o novo decreto para a proteção dos bens imateriais. Revista tempo brasileiro. Rio de Janeiro, vol. 147, 2001, p. 23-27.

LIMA Rossini Tavares de - Abecê de folclore. 7.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LUCA, Tânia Regina de - As Sociedades de Socorros Mútuos Italianas em São Paulo. In BONI, Luis A. de (org.) A Presença Italiana no Brasil. Vol.II. Porto Alegre: Fondazione Giovanni Agnelli, 1990.

NOGUEIRA, Ana Maria de Mora - Como Nossos Pais - uma História da Memória da Imigração Portuguesa em Niterói, 1900/1950. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal Fluminense, 1998.



OLIVEIRA, Lúcia Lippi - Cultura é Patrimônio – Um Guia. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

PEREIRO, Xenardo - Patrimônio Cultural: o casamento entre patrimônio e cultura. ADRA nº2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, (2006), p. 23-41.

RICOUER, Paul - A memória, a história, o esquecimento. Trad. Alain François [et al.]. 3. reimp. Campinas: Editora da UNICAMP, 2010.

ROCHA, Gilmar - Cultura popular: do folclore ao patrimônio. Mediações. v. 14, n.1, (Jan/Jun. 2009), p. 218-236.

SCHARTZENBERG, Roger-Gérard - O estado espetáculo. São Paulo: Difel, 1978.

SEYFERTH, Giralda - Imigração e Cultura no Brasil. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1990.

SILVA, Tomaz T. da. - A produção social da identidade e da diferença. In SILVA, Tomaz T. da (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOUSA, Roberto Ribeiro de - Representações geográficas de identidades: o caso das casas regionais de origem portuguesa no Rio de Janeiro-RJ. Anais do Simpósio Nacional sobre Geografia, Percepção e Cognição do Meio Ambiente. Londrina, 2005.

THOMPSON, Edward Palmer - Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WAGNER, Roy - The invention of culture. Chicago: The University of Chicago Press, 1981.

## DOCUMENTOS ELETRÔNICOS

CASA DOS AÇORES DE SÃO PAULO. [Em linha]. Estatuto da Casa dos Açores de São Paulo. In Estatutos Antigos. [Consultado em 13/04/2017] Disponível na [www: <URL:http://casasdosacores.org/casas-dos-acores/sao-paulo/>](http://casasdosacores.org/casas-dos-acores/sao-paulo/).

## DEPOIMENTOS

MEDEIROS, Manuel de. [61 anos]. [junho de 2008]. ELIS REGINA BARBOSA ANGELO. São Paulo, São Paulo. 03/06/2008

ARRUDA, Antonio Tavares. [60 anos]. [Janeiro de 2018]. ELIS REGINA BARBOSA ANGELO. São Paulo, São Paulo. 21/01/2018.

PAES, Glauce. [23 anos]. [Janeiro de 2018]. ELIS REGINA BARBOSA ANGELO. São Paulo, São Paulo. 21/01/2018.